

Aprendizado de cidadania

CEZAR MOTTA

O efeito desta eleição no Brasil é o equivalente ao ato de acender uma lâmpada de cem velas em um quarto escuro. Revela-se o País, derrubam-se mitos, discutem-se as causas e os remédios para os nossos males e, mesmo que não vença o mais indicado, o Brasil sai melhor do que estava antes. Qualquer criança de mais de cinco anos de idade viveu intensamente esta campanha eleitoral: a futura cidadania não aceitará ser privada do seu direito de escolher seus governantes, e isto é o fundamental. O governante que não atender às necessidades do País, nas próximas eleições não volta mais. Pronto.

Em um recente debate pela televisão entre artistas e jornalistas, o maestro Júlio Medaglia lamentava-se da crise de criatividade na música brasileira, e comentava surpreso que o auge da criação contemporânea deu-se durante a ditadura. E ele conjecturava: será que a censura, o arbítrio, são estimulantes de criatividade? Da mesma forma, a jornalista Liliane Machado

constatava, na edição especial do **CORREIO BRAZILIENSE** de domingo último, que o cinema nacional atravessa a pior crise de criatividade de toda a sua história. Efeito da democracia? O fenômeno da mediocridade atual do nosso cinema e da nossa música, ao contrário, são efeitos tardios da ditadura. É preciso não esquecer que a geração da Tropicália e mais Chico Buarque de Holanda, Edu Lobo, ou Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Roberto Santos e Paulo Cesar Saraceni, responsáveis pelos momentos mais altos do nosso cinema, foram criados, educados e formados em tempos de luz, de democracia. Desabrocharam na ditadura por contingências históricas. Já a atual mediocridade reinante educou-se no arbítrio, ouvindo e consumindo o lixo cultural que importamos.

Enfim, nada como a democracia, o debate exaustivo de idéias e a consulta periódica ao que vai na cabeça da cidadania. Falta agora definir regras permanentes para as próximas eleições, regras que sejam imutáveis e impeçam os casuísmos que surgem a cada pleito.